

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2008 - ANO XII - Nº 143

EDITORIAL

A tragédia que se abateu sobre Santa Catarina, no final de novembro, expôs a falta de planejamento urbano dos municípios brasileiros. A catástrofe no Vale do Itajaí pode acontecer em muitas outras regiões do país.

Urbanistas, arquitetos e geólogos, ouvidos por ocasião do desastre, são unânimes em apontar o descaso de nossas autoridades para com as questões ambientais. No caso específico de Santa Catarina, busca-se justificar a tragédia com o volume assustador de água que caiu sobre a região – choveu em poucos dias na região mais do que o dobro do que deveria chover durante todo o mês. No entanto, especialistas apontam que as mortes ocorridas no Vale do Itajaí não foram causadas pela intensidade das chuvas, mas, sim, pela ocupação irregular de áreas de risco.

Todos os anos, durante a primavera e o verão, chuvas torrenciais caem em grande parte do país. Mais forte num ano, mais fraco no outro. No entanto, temos assistido, cada vez mais, a relatos de chuvas intensas em diferentes lugares, com vítimas fatais, em função de deslizamentos de terras. Esses acidentes vêm se acentuando justamente em áreas onde a interferência humana é maior e agrava a situação em função do desmatamento, da perda de mata ciliar e da mudança na geografia das encostas. Climatologistas vêm apontando, ainda, o aumento da intensidade das chuvas devido ao aquecimento global. É preciso que estejamos preparados para enfrentar esse fator, determinante na ocorrência de desastres ambientais. O planejamento das cidades precisa se adaptar à intensificação das mudanças climáticas. A ocupação irregular de áreas de preservação permanente, a fiscalização ineficiente e o descumprimento da legislação potencializam os riscos de acidentes.

Todos os anos vidas humanas são perdidas. Há displicência e conivência do poder público em manter populações em condições de risco. É preciso planejamento físico, territorial e urbano de nossas cidades. Caso contrário, nas próximas chuvas só nos restará, novamente, lamentar.



Detalhe de obra de Filippo Lippi (reprodução)

Boas festas! Feliz Natal!

Chegou dezembro, e com ele o Natal. Como nos anos anteriores, músicas, luzes, árvores coloridas, votos, felicitações e iniciativas de solidariedade marcam a celebração desta data. É difícil não se deixar envolver pelo clima natalino que está por toda parte e acaba contagiando a todos.

Comemorado há mais de dois mil anos, o Natal é festa religiosa. Recorda o nascimento de Cristo, o filho de Deus que veio ao mundo para nos ensinar a doutrina da humildade, da caridade e mostrar que o amor ao próximo é fundamental.

Assim, o Natal renova sublimes propósitos de fraternidade, reconciliação, desejos de felicidade. As luzes que iluminam as cidades indicam a presença de Deus, que ilumina nossos corações e reacende sentimentos e valores adormecidos: a importância da família, o anseio por justiça, a atenção aos pobres, o respeito à dignidade do ser humano, às diferenças culturais e ao meio ambiente.

Que no ano que se aproxima, a ecologia se torne prioridade e compromisso universal, acima de ideologias. Que a defesa do meio ambiente, mais que um bom propósito, seja tarefa urgente de todos os países, antes que se torne tarde demais para a humanidade. O aquecimento global e as alterações climáticas aumentarão enquanto persistirem a poluição das águas e do ar, a perda da

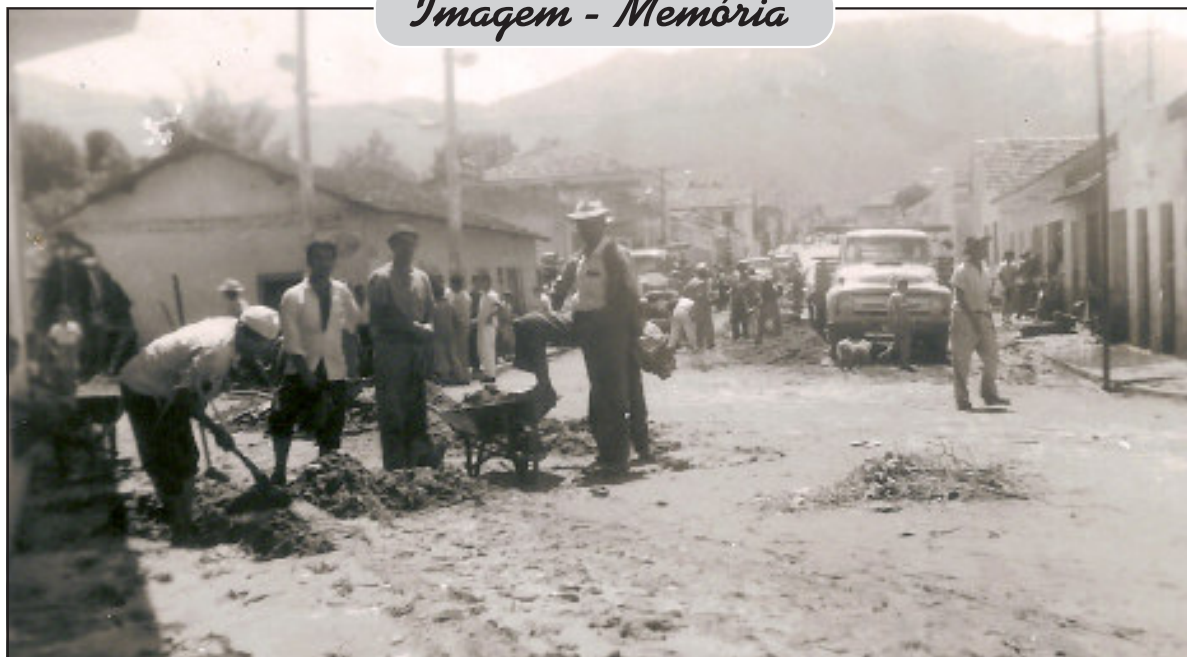
biodiversidade, a acumulação do lixo na terra e nos rios, a desertificação das florestas e a perda da capacidade de auto-recuperação da vida.

A sociedade precisa não só estar atenta às causas da destruição ambiental, mas também saber cobrar de nossas autoridades fiscalização, cumprimento das leis e políticas públicas eficientes voltadas para o meio ambiente, de maneira que catástrofes como as ocorridas recentemente em Santa Catarina, que ceifaram a vida de mais de cento e vinte pessoas, não se repitam. Norteados pelo espírito de Natal, os brasileiros, neste final de ano, deram importante e significativo exemplo de fraternidade cristã, quando, de norte a sul, se mobilizaram para socorrer os milhares de catarinenses vitimados pelas chuvas torrenciais que castigaram o Vale do Itajaí.

Aproveitemos o Natal para um diálogo interior cheio de bons propósitos e para tomada de posição e mudança de postura, corrigindo nossos erros, fortalecendo nossos acertos e planejando ações para o próximo ano. Mais que o nascimento de um menino, o Natal é o fortalecimento da certeza de que, somente por meio do compromisso e do amor alcançaremos o que todos desejamos: a felicidade.

A todos nossos leitores Boas Festas e Feliz Natal.

Imagem - Memória



Mutirão limpando a confluência das ruas Francisco de Oliveira Braga e do Piquete com a Av. Conselheiro Rodrigues Alves, em 10 de março de 1961. À esquerda, a casa e o bar de Joaquim Lopes parcialmente destruídos.

Em tempo de enchentes...

Ao longo do tempo, Piquete sempre foi vítima de enchentes. Os ribeirões que cortam a cidade e seus afluentes por diversas vezes bufaram de forma assustadora, invadindo casas e quintais e trazendo prejuízos a inúmeras famílias.

O Benfica, por ter tido suas margens ocupadas pela expansão da cidade, é o que mais mete medo na população. Quem o vê raquítico, com pequeno volume d'água durante o ano, não acredita que esse ribeirãozinho possa, em poucos minutos, se transformar numa imensa caudal. É só chover um pouco mais em sua cabeceira, que ele desce a Mantiqueira, onde tem suas nascentes, rugindo como animal bravo.

Quem assiste à passagem de uma enchente no Benfica vê-se tomado por admiração e medo. É um espetáculo aterrorizador. Ninguém pode com a força da natureza. Ninguém doma o rio. Desprovido da mata ciliar que lhe proteja as margens e lhe amortecia o impacto, o Benfica, em tempo de enchente, carrega tudo – cercas, árvores, muros, casas e vidas. Não há paredão que o segure.

No verão, tempo de enchentes, é comum, nos finais das tardes, fortes chuvas se anunciarem na serra. Da cidade pode-se ouvir o ribombar de trovões, mas, felizmente, na maioria das vezes, a chuva vem fraca ou nem vem. Porém, por vezes isso não acontece: no início de 1961, uma sucessão de enchentes trouxe destruição e prejuízo à população. No dia 9 de março, uma quinta-feira, de repente, como de costume nessa época, o tempo começou a virar. Uma forte ventania soprou sobre a cidade. O céu escureceu com negras e pesadas nuvens. Logo começou a chover. Relâmpagos riscaram o céu, seguidos do ensurdecedor barulho dos trovões. Parecia que a chuva que se anunciava não passaria de uma das

muitas que havia mais de um mês vinha caindo quase diariamente. Mas não foi assim que aconteceu. Por volta das vinte horas, a torrente líquida recrudesceu transformando-se em verdadeira tempestade. Durou aproximadamente uma hora. Choveu em todo o município, de maneira que todos os córregos transbordaram, levando de roldão tudo o que se opunha à força da natureza. As águas do Benfica irromperam pelas ruas Conselheiro Rodrigues Alves e do Piquete entrando pelos fundos de várias residências e casas comerciais. O maior prejuízo foi na “A Marqueza”, de Elias Hankis, que, nos fundos mantinha uma fábrica de móveis – o prejuízo passou do “milhão de cruzeiros”. Foram atingidos também a “Casa Campos”, a “Sapataria Beckman”, a venda do Benedito Rosa, o armazém do Geraldo Gonçalves e o bar do Joaquim Lopes, cuja casa foi parcialmente destruída. As águas do Benfica passaram sobre as pontes, cujas estruturas foram abaladas. Houve deslizamento de encostas em vários pontos do município. Essa chuva foi tão intensa, que os córregos que passavam por detrás do Salão da Banda e do antigo caminho do Itabaquara destruíram casas, com prejuízos nas ruas América Brasileira, Major Carlos Ribeiro, Avenida Major Pedro e Duque de Caxias, próximo à Estação. As águas atingiram também os trilhos do ramal ferroviário, que foram destruídos em alguns trechos. Caíram os muros do Grupo Antônio João e paredes da Escola da Tabuleta. Paredões ao longo do rio foram levados pela enxurrada. A cidade parecia um campo de batalha. Havia lama por todos os lados. A FPMV solidarizou-se com a população. Vieram bombeiros de Guaratinguetá para ajudar na limpeza da cidade. Solidariedade e atos de heroísmo foram presenciados.

Mal a cidade se recuperava do susto, uma nova tromba d'água se abateu sobre ela. Quase na mesma proporção, quatro dias depois, na tarde de domingo, 12 de março, as águas do Benfica transbordaram novamente, repetindo tudo, principalmente no centro da cidade. A reparação dos trilhos do ramal férreo, quase concluída, sofreu com a nova enchente. Os bombeiros que aqui estiveram da primeira vez retornaram para lavar as ruas atingidas. Contabilizados, os prejuízos das duas enchentes foram grandes. Notificado pelo prefeito municipal, Luis Vieira Soares, o Governo do Estado mandou ajuda, a qual, tímida como sempre, não resolveu definitivamente o problema das enchentes em Piquete.

Ainda não aprendemos que com a natureza não se brinca. E se não corrigirmos os agravos a ela causados, recuperando margens, cabeceiras e afluentes do Benfica; e se não fiscalizarmos a ocupação irregular, correremos os riscos de reeditar essas tragédias em todos os verões.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pedemiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Faria

O guaratinguetaense José Faria Lopes nasceu no bairro rural de Três Barras, em 15 de maio de 1920. De origem humilde, é um dos oito filhos do casal Benedito de Faria Lopes e Etelvina Maria de Jesus. A família trabalhava em fazendas da região. A vida era difícil, de modo que, aos dez anos, já ajudava na lida do campo tangendo bois para carreiro, guiando arados e colhendo café. “Ganhava 500 réis pelo serviço...” Em 1932, com 12 anos de idade, ficou órfão de mãe. Os irmãos, todos menores, foram separados. O patrão, Jose Bonifácio da Cruz, vulgo José Lourenço, olhando para ele, disse: “Agora você é meu”. Seu Faria ficou então morando na fazenda. “Ele era um homem abruptado”, diz. “Eu queria freqüentar a escola, mas não podia”. Aos dezesseis anos, o fazendeiro mudou-se para a cidade e, mesmo lá, não permitia que seu Faria estudasse. “Fugi. Fui para a casa de um tio que trabalhava em outra fazenda”. Porém, logo José Lourenço foi buscá-lo. Após três meses cortando lenha e capim para o gado, com muito serviço e sem escola, fugiu novamente. E assim foram várias vezes, até que o fazendeiro permitiu que fosse de vez... Carregando seus poucos pertences, saiu pela estrada. Caminhava sem rumo, quando por ele passou um Ford antigo, que lhe ofereceu carona. Era José Bartelega e sua esposa, a professora Maria Rosária Gianichi – Dona Rosita, que lecionava no bairro do Paiol. Contrariando o marido, convidou-o para ir morar com eles, a fim de cuidar de seus dois filhos menores. Passou a ganhar 15mil réis por mês. Emocionado, afirma: “Dona Rosita foi uma mãe... Chorei no dia em que ela me disse que me matricularia numa escola... Pensei comigo: agora vou aprender o be-a-bá...” Seu Faria foi matriculado na Escola Mista Rural do Paiol.

Dona Rosita foi transferida da escola em que lecionava para a cidade. Foram morar na Rua José Bonifácio, no centro de Guaratinguetá. Em 1936, a professora foi novamente transferida, agora para Areias. E ele seguiu junto... A família voltou para Guaratinguetá em pouco tempo, indo residir na Rua do Porto. Da época da escola, seu Faria se lembra das professoras Afonsina de Melo Gaia e Mariinha Rangel.

Com 17 anos, resolveu ganhar o mundo, deixando a família com quem residia. Passou a trabalhar na loja de ferragens do pai de dona Rosita, Afonso



Gianichi. Trabalhou, também, numa padaria, no Hotel Guará e na Fábrica de Tecidos Azulay. Buscando estabilidade, em 1941 engajou-se no Exército. Era tempo de guerra. Alistou-se como voluntário. Precisando de documentos, pois até então não os tinha, descobriu, no batistério, sua data de nascimento, e que havia sido batizado pelo famoso Monsenhor Felippo. Permaneceu por três anos e quatro meses no 5º RI de Lorena. Nesse período, casou-se com Nair Maria Lopes, com quem teve sete filhos. Em 1945, deu baixa como cabo para trabalhar na FPV, em Piquete, a convite de seu compadre José Rodrigues da Silva. Entrou na Fábrica em 18 de junho de 1945. “O diretor era o General Waldemar Brito de Aquino”, conta. Residindo em Lorena, vinha toda manhã no trenzinho “Piqueteiro”. Recorda-se das estações, das paradas e da animação da viagem.

Após cinco anos viajando, mudou-se para Piquete. Na Fábrica, após trabalhar por dois anos no 3º Grupo, pediu transferência para a 5ª Divisão, cujo chefe à época era o major Orlando C. Canário. “Aprendi muito com antigos mestres”. Seu Faria tornou-se eletricitista e mecânico de máquinas. Nessa Divisão ficou até sua aposentadoria, no início de 1974. Seu Faria faz questão de dizer que sente muita satisfação por ter trabalhado na FPV: “Foi um prazer ter sido funcionário do governo”.

Em 1968, Dona Nair, sua esposa, começou a trabalhar no Mercado Municipal. Eu era “o cabeça do negócio... Saía de madrugada para fazer compras no CEASA e trazer os produtos para a banca do Mercado”. Já aposentado, além do Mercado, mantinha uma oficina em sua casa, onde consertava geladeiras. “Na vida, tive altos e baixos. Mas o importante é que venci”, afirma José Faria.

Você conhece a origem do Papai Noel?

Estudiosos afirmam que a figura do bom velhinho foi inspirada num bispo chamado Nicolau, nascido na Turquia, em 280 d.C. O bispo, homem de bom coração, costumava ajudar as pessoas pobres deixando saquinhos com moedas próximo às chaminés de suas casas. Foi transformado em santo (São Nicolau) após vários relatos de milagres a ele atribuídos.

A associação da imagem de São Nicolau ao Natal aconteceu na Alemanha e espalhou-se pelo mundo, em pouco tempo. Nos Estados Unidos, ganhou o nome de Santa Claus, no Brasil, de Papai Noel, e, em Portugal, de Pai Natal.

Até o final do século XIX, não havia uma padronização da forma como a figura de Papai Noel era representada. Porém, em 1881, uma campanha publicitária da Coca-Cola mostrou o bom velhinho com uma roupa, também de inverno, nas cores vermelha e branca (as cores do refrigerante) e com um gorro vermelho com pompom branco. A campanha publicitária fez grande sucesso e a nova imagem do Papai Noel espalhou-se rapidamente pelo mundo.

A figura de Papai Noel é extraordinária. Por um lado, encarna o momento exato do Natal e toda sua magia. Por outro, não tem conteúdo religioso; portanto, não é constrangedora em shoppings, como seria a imagem religiosa de Jesus no leito pobre de palhas. Mais ainda: a consolidação da imagem de Papai Noel veio acompanhada de uma equipe de gnomos que trabalham numa imensa fábrica de brinquedos. A relação direta entre o apelo consumista de Noel e as necessidades contemporâneas é extraordinária – uma fábrica, empregados, produção e distribuição, crianças ansiosas e presentes pagos pelos pais tornam Papai Noel uma invenção brilhante.

Apesar de ter cativado os corações do planeta, o bom velhinho não dá o ar de sua graça durante o ano todo; ele é um produto sazonal. Volta ao seu exílio no Pólo Norte quando termina o período natalino. Acreditar ou não nele é um divisor de águas da infância: é criança quem acredita em Papai Noel...

O espírito de Natal faz com que voltemos a acreditar em Papai Noel, que voltemos a ser criança. Vale a pena, não?

Operários da 5a Divisão da FPV, em 09 de janeiro de 1959



O Republicanismo em Questão

A República brasileira nasceu sob a égide das idéias de Montesquieu, filósofo iluminista do século XVIII, defensor de uma teoria cuja base democrática paradigmática permitia orientar os princípios constitucionais. As instituições, visualizadas como fortes, não conseguiram impedir o surgimento no Brasil e na América Latina, de líderes demagogos atuando em regimes autoritários, nos quais caudilhos encarnam imagens de “pais patriarcais” que levam à legitimação de uma política populista. Assim foram, dentre outros, Getúlio Vargas e Juan Perón.

Em nossa história da República, embora o primeiro governo tenha apresentado caráter despótico com o Marechal Deodoro da Fonseca, que foi deposto por um golpe de Estado, seguiram-no estadistas como Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves, defensores dos princípios republicanos, dos valores democráticos e das instituições.

Entre eles, Rodrigues Alves é salientado por ter cultivado os princípios constitucionais, os valores liberais e a eficácia administrativa. O país foi levado a um período de prosperidade econômica e liberdade política. É o que conclui Luiz Felipe D’Ávila, em **Os Virtuosos - Os Estadistas que Fundaram a República Brasileira**, (São Paulo, A Girafa Editora, 2006, p.12).

O nascimento da República no Brasil animava-se pela prosperidade ensejada pela produção do café, que impulsionou o nascimento da indústria nacional, o desenvolvimento sócio-econômico do país, a integração regional e a inserção no mundo. São essas observações do autor citado, às quais acrescenta que o surgimento das estradas-de-ferro, dos grandes portos e da urbanização das cidades como a do Rio de Janeiro, contribuíram para que o Brasil atraísse a mão-de-obra estrangeira, com suas especialidades e visão de contexto moderno, permitindo mais expansão da cafeicultura e desenvolvimento da indústria nacional.

Os três presidentes republicanos – Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves –, para a referência de Felipe D’Ávila, constituíram o núcleo da “República dos Conselheiros”, pois a eles estava adstrita a idéia do constitucionalismo e do liberalismo. Muito embora fosse uma pequena elite a controlar o processo eleitoral e os principais cargos políticos, o que levou a uma oligarquia. Entretanto, segundo o

autor citado, a expansão da indústria e do comércio propiciou as discussões sobre uma abertura da consciência política. Estava em pauta a sobrevalência da noção de virtude como um bem a ser cultivado pelos



revidou, em 1868, aproveitando-se das consequências da guerra corroendo o gabinete liberal obrigado a recrutar drasticamente mais jovens soldados incorporados à força. Na verdade, encurralados em praças públicas na ocorrência de festas, situação não compensada por campanhas vitoriosas. A impopularidade enfraqueceu o ministério Zacarias e contribuiu para a sua queda. A vitória de Caxias em Humaitá selou essa ocorrência. Os conservadores se firmaram no poder. Caxias foi agraciado com o título de duque. Aos liberais não sobrava muito espaço de ação. Mas a guerra do Paraguai era um fator complicador nos desentendimentos partidários entre conservadores e liberais. Por sua vez, essas manifestações atrelavam-se às divergências que levavam os políticos, como Zacarias de Góes e Vasconcelos a transitar do partido conservador para o liberal, desafio enfrentado pelos estadistas, relativamente ao poder. Lutas políticas que instabilizavam os gabinetes ministeriais da monarquia. Por isso, a perspectiva de se filiar ao partido republicano, cujas origens se inspiravam na queda de Napoleão III e na instauração da República na França. Ou seja, a dos

antigos conservadores transitados de um partido a outro, na monarquia, se tornarem adeptos da idéia republicana.

Em 1870, a República passava a ser vislumbrada como símbolo do futuro; daí a providência em criar partidos republicanos em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O Partido Republicano Paulista – PRP – foi criado na convenção de Itu, e é dado como o inspirador da República. Um museu histórico rememora esse fato na cidade.

Das idéias a partir daí desenvolvidas mobilizou-se o estado de São Paulo e o Vale do Paraíba, cuja cafeicultura já atingira o seu auge e indicava uma exaustão das terras produtivas. O ideal republicano, interposto, preparava aqueles políticos que, no alvorecer da mudança política, a partir de 1891, pleiteavam o constitucionalismo e a divisão dos poderes, enquanto o Positivismo se alçava como iluminador dos propósitos. O Positivismo que se abrigava entre os militares para traçar normas de organização, entre as quais a instalação de uma indústria bélica em Piquete, anunciada e concretizada nesse alvorecer de novas eras (1906-1909).

Dóli de Castro Ferreira



Anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: nasceu hoje um Salvador, que é o Cristo Jesus!



Perestroika e Glasnost para todos!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

No final dos anos 80, o mundo conheceu essas duas palavras do vocabulário russo. Michail Gorbachev, então presidente daquele país, tomou-as como lema de seu governo, marcado como o que abriu as fronteiras da então socialista União das Repúblicas Socialistas Soviéticas para o capitalismo e transformou definitivamente o mundo com o fim da Guerra Fria.

Em entrevista à VEJA (edição 2087, de 19 de novembro), Gorbachev, atualmente preparando sua volta à política russa, ressalta a importância da atuação de líderes mundiais – no poder ou não – na luta por um mundo melhor. As “Páginas Amarelas” apontam um homem ciente de sua posição, limitações, erros e acertos, e o questionam sobre as atuais condições da Rússia, antes potência bélica e hoje uma das quatro principais nações emergentes da economia mundial, juntamente com o Brasil, a Índia e a China. As semelhanças entre o Brasil e a Rússia, além da participação no citado grupo (BRIC), podem se resumir, grosseiramente falando, à extensão continental e à corrupção que grassa nos altos escalões do governo – guardadas as devidas proporções. No entanto, nada seria mais providencial do que aplicarmos a Perestroika e a Glasnost para atingir nossos brasileiros objetivos.

Enchentes e seca assolam, paralelamente, diferentes regiões do Brasil nesse final-de-primavera-início-de-verão. Comoventes as imagens do sofrido povo do Sul vendo destruídas suas casas, apagadas suas histórias, pranteando familiares. Tocantes são as reportagens que mostram o solo rachado e a pele sulcada pelo sol, no Nordeste. Ações governamentais? Sim: liberam-se verbas bilionárias, governantes sobrevoam áreas, abraçam flagelados. Resultados? Pontuais.

Ações concretas? Apenas a solidariedade do brasileiro, sempre pronto a ajudar vizinhos, desconhecidos, amigos e inimigos. De norte a sul, o que se vê é a beleza do amor desprendido; doutores e analfabetos unidos num só objetivo: salvar vidas e ajudar o próximo que está a léguas e léguas de distância... Exemplo para nossos dirigentes, o trabalho voluntário mostra a simplicidade da reestruturação por meio do trabalho conjunto e com transparência nas ações.

Reestruturação e transparência significam, respectivamente, Perestroika e Glasnost, em russo. Alguém duvida que dois vocábulos simples assim seriam a salvação de nosso flagelado Brasil?

Desejo muita perestroika e muita glasnost para todos!

Feliz Natal! Feliz 2009!

O Dia da Festa

Dóli de Castro Ferreira

Afinal, chegou o dia da festa esperado pelas crianças. Animadas e prontas para sair de madrugada e caminhar a pé, elas falavam ao mesmo tempo, perguntando à mãe quando sairiam. Agitavam-se nas perguntas ansiosas.

– “Espere pelo pai. Ele já vem. Aí saímos todos juntos. Prestem atenção para caminharmos juntos, heim. Nada de se adiantar ou atrasar.” Todos descalços, já acostumados às areias e pedras do caminho.

Era setembro, 8, dia da festa de Nossa Senhora da Guia, no Bairro do Quilombo, uma festa de bairro rural, e de bastante tradição. Ninguém ali sabia o quanto tempo dessa tradição. Vinha lá de séculos atrás, a Senhora da Guia protegendo os caminhantes nas picadas das serras, lá para os lados de Minas, as minas do ouro, dos rios de faíscas e das aventuras nas velhas trilhas dos índios beirando rios e evitando matas fechadas.

Mas a festa, ah! a festa sempre vista como ótima, com distribuição de doces a partir de uma fila enorme, até chegar à mesa posta na casa chamada da festa, para fazer jus ao pratinho. Este continha doces variados, e as crianças, salivando na espera, ansiavam curiosas para saber se os preferidos lá estavam.

A mãe preparara o franguinho assado com farofa, colocado no embornal, mais a caneca para tomar água nas fontes do caminho. Nas bicas, como eram chamadas. Um pouco de arroz e uns bolinhos fritos, além do café em frascos de garrafas, completavam a refeição.

Ajeitados os preparativos, lá foram eles, o pai, a mãe, a tia e as sete crianças.

O dia nascia. Na barra da aurora, anunciado por um vermelho rosado o sol procurava nascer. O frio da madrugada pontilhava de orvalho o capim rasteiro, onde pisar dava ligeiro arrepio. Mas a emoção da festa aquecia os corações, e os sorrisos nos lábios demonstravam-se ampliados ao olhar um para o outro, prelibando os prazeres esperados. Hora e meia de caminhada na manhãzinha.

Numa festa hierarquizada socialmente, somente os ricos teriam direito ao almoço patrocinado pelos festeiros, ao lado do padre celebrante da missa e condutor da procissão. Mas os doces eram para todos. Havia fartura deles, ponto de honra dos festeiros, que eram fazendeiros e sitiantes.

Finalmente, amanheceu, o sol brilhou e o tempo estava bom.

Chegados ao bairro, logo almoçaram, pois a caminhada despertara o apetite. O almoço era à sombra do bambual, cujo chão fora limpo pelos organizadores da festa. Comentavam que o dia estava agradável, o vento leve agitando as hastes dos bambus com musicalidade.

Aos mais novos oferecia-se mais comida. Os mais velhos aquietavam-se no arranjo. A mãe rasgava pedaços de papel para acomodar o arroz, bastante farofa com predomínio de farinha e o pedacinho do frango. Logo, logo após a missa, o almoço seria servido aos convidados ilustres. Em seguida, os doces seriam servidos a todos. Era só fazer a fila para ter ordem.

Uma festeira comandava a entrega. Entraram na fila.

De repente, gritos e sons de berrantes. Boiada? Sim, boiada para passar bem ali, pelo centro do bairro, entre a igreja e a casa da festa. Era caminho do gado para a chamada “Estrada das Boiadas...”. Ninguém avisara aos boiadeiros do dia da festa. Lá veio a boiada, impetuosa, levantando poeira. Muitos bois para o corte, depois de longa travessia serra abaixo.

Os bois, já irritados e cansados, assustados com o povaréu da festa, romperam em desarranjo, alucinados, de um lado para o outro. Era o estouro. Os animais tentando entrar por portas e janelas. Numa dessas tentativas, um boi avançou pelas portas abertas do salão dos doces. A mesa voou, e os doces também.

Assustados, todos correram. Nossa Senhora da Guia chamada por todos os lados. Os doces, atirados, pisoteados, sem proveito. E as crianças, atônitas, os menores chorando, e os pobres pais, compadecidos, junto aos filhos e providenciando a retirada. Acabara a festa.

Desta, somente a lembrança amarga. Na caminhada da volta, antes da noite se fechar, os comentários emocionadas transferiam para a próxima festa a esperança do sucesso. Tênuas, as primeiras estrelas começaram a pontuar seu brilho.



Crônicas Pitorescas

Se está dito...

Vá lá... Vá lá... Essa coisa foi dita e talvez escrita na época dos papiros e não sou eu aqui quem vou contestar. E se atravessou séculos, com os reis das frases feitas utilizando-a, evidente que fico no "tá legal, a gente concorda". Um doce pra quem ainda não ouviu: "Quem ama o feio bonito lhe parece". Claro está que economizei uns drummonds e cecílias na compra da guloseima.

Mas devemos examinar mais o embolorado anexam, pois parece-me que todos o utilizam quando comentam sobre uma mulher bonita casar com um homem feio ou vice-versa. Mas vai além. Existem outros tipos de amor que guardam escondidas virtudes, só notadas pelo amante.

Por exemplo: conheço uma velhota que ama uma tartaruga, feia como o Ferreira Gullar, que chega às raías da paixão cega. Pode estar incutido nesse amor o seu (dela) desejo de alcançar a longevidade do animal cascudo através da osmose.

Um boliviano conhecido tem amor por uma planta trepadeira da frente de sua casa, que só falta passar os dias e as noites ali, de plantão, em defesa do vegetal. O que tem essa trepadeira de especial nem imagino. Garanto que não é o que estão pensando, pois não dá em trepadeira.

Amor de político é voto. Quando cai um com seu nome na urna, carrega por

acaso alguma feiúra? Nem interessa saber se foi a Bruna ou a Regina Casé que votou. O que de bonito lhe parece é a soma dos votos. Uma inequação entre o feio e o bonito, mas que pra ele se transforma em uma igualdade.

A Zuzu quase matou a Zizi por causa do Roberto Carlos. A Zuzu já dobrou o cabo da boa esperança há muito e a Zizi queima óleo 50 há meio século. Ambas veneram o cantor egocêntrico e se pegaram porque uma queria amar o cabelo mais que a outra. Preenchimento de vazios.

Novela, então, é centro de paixões desenfreadas. Manjo um moço que estabelece sua vida noturna em função da novela das oito. Todos os seus problemas, inclusive serviço, ficam condicionados ao término do capítulo. Mas não é só ele, dirão... Concordo... não fosse ele um músico da noite, que só aceita serviços além das nove e meia.

Cada um deve conhecer inúmeros casos desse amores estranhos que vão além da forma habitual dos sexos opostos.

De tudo isso vem uma consideração. Tanto o amor como a feiúra possuem o mesmo peso, a mesma densidade. O amor é querência levada à paixão ou fé extremada, e a feiúra não existe, somente surge naquilo que nos incomoda.

É por isso que eu só acho feio a feiúra.

Palmyro Masiero

Meu Natal inesquecível

Edival da Silva Castro

Aquele Natal nunca morreu em mim. Natal simples, de Papai Noel humilde. Natal de 1.948.

Ao levantar-me, deparei com um enorme embrulho sob a cama. Com ansiedade rasquei o invólucro colorido e fiquei pasmado com o conteúdo: era um grande caminhão de bombeiro, vermelho, com plataformas nas laterais, sirene sobre a cabina, e na carroceria, um reservatório d'água.

Naquela manhã deixei de tomar o café, para exibi-lo na calçada da avenida.

Orgulhoso em puxar o enorme caminhão, as pessoas que passavam olhavam admiradas para o brinquedo, e eu, jubiloso, sorria para elas. Alguns coleguinhos acompanhavam-me e formávamos um comboio de carrinhos, caminhõezinhos e trenzinhos, num vaivém de felicidade.

Nenhum dos brinquedos era vistoso como o meu caminhão de bombeiro.

Estava à testa do comboio quando, de repente, uma menina que aprendia a andar de bicicleta desgovernou-se e caiu sentada sobre ele.

Eu chorava e juntava os pedaços do meu belo caminhão de bombeiro.

Numa das casas, a música "Jingle Bells" era reproduzida em alto som:

"Toca o sino pequenino, sino de Belém,
Já nasceu o Deus Menino,
para o nosso bem. (...)"

Com o caminhão despedaçado nos braços, olhos rasos d'água, e soluçando, cheguei em casa contando o que tinha ocorrido. Meus pais, apreensivos, procuraram confortar-me:

– Não chore, meu filho! Papai Noel agora está viajando. Talvez esteja a caminho das estrelas; garantimos que irá trazer-lhe outro caminhão de bombeiro igualzinho a este. Escreva-lhe outro bilhete.

Assim o fiz...

Poema de Natal

Vinicius de Moraes

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos –
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colher o que foi dado
Dedos para cavar a terra.
Assim será nossa vida:
Uma tarde sempre a esquecer
Uma estrela a se apagar na treva
Um caminho entre dois túmulos –

Por isso precisamos velar
Falar baixo, pisar leve, ver
A noite dormir em silêncio.
Não há muito o que dizer:
Uma canção sobre um berço
Um verso, talvez de amor
Uma prece por quem se vai –
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.
Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação da poesia
Para ver a face da morte –
De repente nunca mais esperaremos...
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
Nascemos, imensamente.



Acesse, leia e divulgue o informativo
"O ESTAFETA"
www.fundacaochristianorosa.cjb.net

60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos

Há 60 anos, após o término da II Guerra Mundial, países de todo o mundo, ainda perplexos com a barbárie desse conflito, assinaram, a 10 de dezembro de 1948, após dois anos de discussões e estudos na Assembleia Geral das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Pela primeira vez os governos dos países aceitaram expressamente um sistema de princípios fundamentais sobre a dignidade humana: o conjunto dos direitos humanos.

Nessa data comemoramos, fundamentalmente, a preservação da vida humana e o espírito de fraternidade. Os países signatários comprometem-se a difundir esta declaração, em cujos artigos estão previstas a liberdade e a igualdade, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, credo, opinião política ou de qualquer natureza.

Em cinco décadas, os “direitos humanos” foram, aos poucos, se consolidando, embora muitas vezes tenham sido, de forma brutal, cerceados em vários países, inclusive no Brasil. Contudo, houve avanços: primeiro, com o reconhecimento das liberdades individuais e dos direitos civis. Depois, os direitos sociais e, mais recentemente, os direitos das crianças e adolescentes, dos idosos, dos consumidores etc. O mérito das



Reprodução

mudanças deve-se, em grande parte, à sociedade civil que, aos poucos, se organiza impulsionando e aprimorando o Estado.

Nós, brasileiros, temos, na Constituição Federal, Estadual e nas leis orgânicas municipais, princípios que reafirmam esses direitos. Todo brasileiro tem direitos básicos: emprego, salário decente, casa, comida, escola com educação de qualidade, meio ambiente ecologicamente equilibrado e segurança.

Num mundo globalizado, espera-se que impere a convivência pacífica e fraterna

entre os homens. No entanto, ainda constatamos descumprimento dos princípios básicos da proclamação de 1948. Aos governos compete, em grande parte, a garantia desses direitos; ao cidadão consciente e partícipe atribui-se a fiscalização das ações das administrações públicas no cotidiano de seus governantes.

Aos poucos, e de modo constante, com o aumento da divulgação de seus direitos, o povo se organiza e cresce a consciência sobre cidadania. Avanços e recuos, naturais nesse processo, acabam por apresentar saldo positivo, de modo que proliferam movimentos reivindicadores, uns mais, outros menos organizados, em todos os cantos do país.

Neste final de ano, ao comemorarmos 60 anos da Declaração dos Direitos Humanos, desejamos que nossas lideranças políticas, religiosas, profissionais liberais e formadoras de opinião façam uma reflexão profunda e ética quanto às questões da vida contemporânea – mundial e brasileira – sem perder de vista a realidade piquetense.

Direitos Humanos não são uma abstração. Podemos aprimorá-los. Que no próximo ano toda a humanidade unida faça valer seus direitos.

Corredores Ecológicos – recuperação da biodiversidade

Nos últimos anos, tem crescido o interesse da comunidade para a questão ambiental e fala-se muito em preservação da biodiversidade e corredores ecológicos. Assim, no dia 12 de dezembro, aconteceu, na Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá (FEG) um encontro que, em função do ineditismo do tema na região, foi bastante concorrido.

Realizado pela Fundação Christiano Rosa (FCR), esse encontro, financiado com recursos do FEHIDRO e da FCR, teve como objetivo divulgar trabalhos realizados na região e proporcionou troca de experiências e aprendizado. O público alvo era composto de educadores da rede pública de ensino, ONG's, técnicos, estudantes universitários e professores ligados à área de preservação de recursos hídricos.

O termo biodiversidade – ou diversidade biológica – descreve a riqueza e a variedade do mundo natural: as plantas, os animais e os microorganismos que fornecem alimentos, remédios e boa parte da matéria-prima industrial consumida pelo ser humano. O bioma Mata Atlântica, um dos

mais ricos em biodiversidade no planeta, é, também, um dos mais devastados. Fragmentado, resta muito pouco dessa cobertura vegetal no Vale do Paraíba. Assim, ações voltadas para a recuperação de áreas degradadas na região, interligando esses fragmentos, como a criação de corredores, têm sido estudadas e implementadas.

A abertura do encontro coube à Prefeitura Municipal de Guaratinguetá. Estiveram presentes, ainda, o Secretário de Agricultura de Guaratinguetá, eng. Washington Agueda, o Diretor Executivo do SAEG, eng. André Luiz, o Secretário Executivo do EDR-CATI, eng. Marcos Martinelli, entre outros.

A arquiteta Ana Maria Gouvêa, da FCR, apresentou as ações que vêm sendo executadas pela FCR, as quais constituem atividades estruturadoras de um corredor de conectividade ligando a APA da Mantiqueira ao rio Paraíba do Sul através do Ribeirão Limeira, que tem suas nascentes no município de Piquete e a foz no Paraíba do Sul. O projeto, que teve início em 2007, até março do próximo ano terá plantadas 58 mil mudas nativas.

Da programação constaram, ainda, apresentações dos trabalhos: “Diagnóstico de monitoramento ecotoxicológico do Ribeirão Limeira”, por representante da EEL-USP; “Corredores Ecológicos no Vale do Paraíba”, pelo Dr. Paulo Valadares; e “Ações para formação de corredor ecológico na bacia do Ribeirão dos Macacos”, pelo Eng. João Marcelino, do Instituto OIKOS de Agroecologia. Ao final da manhã, houve debate sobre os temas apresentados, coordenado pelo eng. Marcos Martinelli, da EDR-CATI de Guaratinguetá. Na parte da tarde, houve mesa redonda sob coordenação do eng. Renato Lorza, da Fundação Florestal, que contou com a participação de: Dra. Maria Cecília Toledo (Fauna), MSc. bióloga Diana Morisson Valeriano (Flora), eng. George de Paula Bernardes, da FEG, (Solos), e o geólogo Edilson de Paula Andrade, Secretário Executivo do CHB-OS (Recursos Hídricos). Os temas suscitaram enriquecedora troca de idéias e de conhecimentos, com que se encerrou o evento.



Foto arquivo Pro-Memória

A comemoração do Natal

A comemoração da data do nascimento de Jesus no dia 25 de dezembro não obedece a nenhuma indicação precisa contida nos Evangelhos. Quando o Papa Júlio I, no século IV, determinou esse dia como a data de nascimento de Jesus, as Igrejas orientais, que festejavam esta data a 6 de janeiro (atual Dia dos Reis), levaram algum tempo para se submeter à decisão de Roma. Identificavam esta data com a do solstício, consagrada ao Sol, na Roma pagã. Algumas Igrejas, como por exemplo a Armênia, passaram até a considerar o clero romano como idólatra, por ter feito coincidir o dia natalino de Jesus com a festa romana do Sol. Mas a festa natalina enraizou-se com o tempo. Em 1220, graças a São Francisco de Assis, surgiu o presépio, humanizando-se ainda mais o nascimento do Menino. E a árvore de Natal, embora só fosse surgir na Alemanha no início do século XIX, conseguiu dar à festa natalina o ambiente mais profundamente

familiar. De certo modo, os festejos natalinos transcenderam o aspecto religioso, e o Natal, como símbolo de esperanças renovadas, passou a representar o eterno anseio do homem na constante busca da paz, do amor e da alegria. No Brasil, além do caráter religioso, o Natal assumiu também características de festa popular. Em várias regiões do país, o Natal deu origem a um verdadeiro ciclo de bailados e autos tradicionais. Até 6 de janeiro, Dia de Reis, principalmente nas áreas onde a tradição se mantém viva, podem ser vistos o bumba-meu-boi, cheganças, marujadas, congadas, reisados, pastoris e outros festejos, que dão ao Natal o genuíno caráter popular, humanizando-o, em contraposição ao caráter comercial fortemente enraizado nas áreas urbanas. Mesmo ali, porém, mantém-se viva a mensagem de fé que os homens almejam



sempre, aspirando a uma vida melhor e mais justa, mais humana, como foi anunciada pelo Menino Jesus. **AC**

Renascendo com o Natal

Em 1843, o inglês Charles Dickens publicou o conto "Canção de Natal". O texto trata de um burguês que só se importa com seu dinheiro: Ebenezer Scrooge – figura que inspiraria o Tio Patinhas, de Walt Disney (scrooge significa avaro em inglês e o nome original do personagem de Disney é Uncle Scrooge). A personalidade de Ebenezer é repulsiva. Ele dá pouca atenção ao ser humano, consumindo sua energia mental e física no acúmulo de bens. Todos os encantos do Natal lhe são indiferentes. Mas isso muda ao longo do conto... O avaro recebe a visita do espírito de seu falecido sócio, Jacob Marley, em plena véspera do Natal. Era o aniversário do falecimento do colega, o qual lembra que, se para ele, Jacob, não há mais esperanças, para Ebenezer haveria. Adverte, ainda: Scrooge seria visitado por três fantasmas naquela noite...

A profecia se cumpre, e pouco depois, o homem é surpreendido pelo espírito dos Natais passados. O espectro o leva a ver como ele amava a data antes e como, no momento, a ganância o impedia de celebrar o nascimento de Jesus. O segundo espírito conduz o avaro aos Natais presentes, mostrando-lhe a noite do seu empregado, Bob Cratchit, que celebra um feliz Natal familiar com seu filho enfermo, Tiny Tim. A pobreza do local contrasta com a genuína alegria mostrada a Ebenezer, que não entende como um homem sem dinheiro e com o filho doente pode estar tão feliz. Como poderia existir felicidade sem a base material pela qual batalhara a vida inteira? Por último, surge o terrível espírito dos Natais futuros. A aparição mostra um fim solitário para o burguês sovina, sem amigos e sem ninguém.

Scrooge toma, então, ciência de que tinha se dedicado demais ao dinheiro e apagado os bons sentimentos do Natal. Tomado por forte emoções, o rico Scrooge passa a amar o Natal e a amparar seu empregado e o filho. O avaro torna-se pródigo e a alegria é completa.

Nada mais atual do que o conto de Dickens. Nada é mais avesso às tradições do Natal do que a miséria, as guerras, o desamor. A violência, o luxo e os excessos do mundo contemporâneo contrastam com a paz e a simplicidade da manjedoura de Jesus. Sem saudosismos piegas, é necessário que retomemos os Natais familiares, em que os interesses comerciais e particulares não pareçam ter tanto valor. Voltemos nossos olhares para o próximo e transformemo-nos, renascendo, assim como Jesus, a cada Natal. **LGDJ**



Expectação

Ó Sabedoria! Grande é a nossa confusão quando, diante de vossa glória, efetuamos a contabilidade de nossas misérias!

Ó Adonai! Será que o tempo e a eternidade não darão conta de nos convencer da extensão de nossas estupidezes?

Ó Raiz de Jessé! Nossas crianças estão sendo abusadas, esartejadas e atiradas ao lixo, às vezes, pela própria família!

Ó Chave de Davi! Nossas mentes estão trancadas para o bem e não titubeamos em levantar armas poderosas contra populações inermes e famintas!

Ó Sol Nascente! Fechamos nossos olhos a vossa luz e caminhamos nas trevas da ignorância, submetendo populações inteiras ao analfabetismo e às doenças infecto-contagiosas!

Ó Rei da Gente! Somos depositários infelizes de vossos ensinamentos e de vossos dons: um grão de mostarda é para nós apenas um grão de mostarda, nada mais que um grão de mostarda!

Ó Emanuel! Será que ainda vos alegrais entre os filhos dos homens?

O ventre da Mulher avança na gravidez. Dentro de dias, ela gemerá as dores do parto.

Maria da Expectação, Nossa Senhora do Ó, nos incômodos da espera, intercedei por nós!

Que o nosso carro não arraste mais vosso menino preso ao cinto de segurança; que vosso menino não seja mais atirado pela janela do apartamento; que ninguém mais encontre vosso menino esartejado em uma bolsa, nas estações rodoviárias da vida!

Abigayl Lea da Silva